

NOTA À IMPRENSA

São Paulo, 04 de julho de 2005.

MAIORIA DAS CAPITAIS TEM REDUÇÃO NO CUSTO DA CESTA BÁSICA

Diferentemente de maio, quando todas as 16 capitais onde o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos – realiza, mensalmente, a Pesquisa Nacional da Cesta Básica apresentaram alta, em junho, o preço do conjunto de gêneros alimentícios de primeira necessidade registrou recuo em 12 localidades. As elevações concentraram-se no Nordeste – Aracaju (3,06%), João Pessoa (3,00%), Fortaleza (1,96%) e Recife (1,01%) – e foram apuradas apenas nas localidades onde o preço do tomate subiu. Dentre as cidades onde o custo da cesta caiu, os movimentos mais expressivos foram verificados em Brasília (-7,37%), Belo Horizonte (-6,81%) e Belém (-5,08).

Como resultado do comportamento de preços apurado em junho, houve alteração na capital cuja cesta tem maior custo. Com uma redução de 2,91% no preço do conjunto de gêneros essenciais, São Paulo passou a apresentar o maior valor para a cesta (R\$ 183,14), enquanto Porto Alegre, onde os produtos básicos registraram queda de 3,74%, teve seu custo total reduzido para R\$ 182,05. As duas localidades, porém, são bem mais caras que a terceira colocada, Brasília, onde a cesta custou R\$ 173,01. Os menores valores foram verificados em Salvador (R\$ 136,95) e Natal (R\$ 139,74).

Com base no maior valor apurado para a cesta básica e levando em consideração o preceito constitucional que estabelece que o salário mínimo deve suprir as necessidades de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, transportes, educação, vestuário, higiene, saúde, lazer e previdência, o DIEESE estima, mensalmente, o valor do salário mínimo necessário. Com a tendência de queda no custo da cesta, também o salário mínimo necessário teve redução, em junho, e seu valor deveria ser de R\$ **1.538,56**, ou seja, 5,12 vezes o piso vigente de R\$ 300,00. Em maio, ele deveria valer R\$ 1.588,80 (5,30 vezes o mínimo) e há um ano, o salário mínimo necessário correspondia a R\$ 1.538,06, 5,9 vezes o salário mínimo de então (R\$ 260,00).

Variações acumuladas

Entre janeiro e junho, todas as 16 capitais registraram variação positiva para o custo da cesta básica. As maiores altas ocorreram em Recife (20,69%), Fortaleza (16,41%) e João Pessoa (14,20%). Os menores aumentos foram apurados em Brasília (2,54%), Belém (2,78%) Rio de Janeiro (4,16%) e Porto Alegre (4,18%).

Em 12 meses – entre julho de 2004 e junho deste ano – três cidades apresentaram variação acumulada negativa: Natal (-0,11%), Curitiba (-0,32%) e Porto Alegre (-0,56%)

Cesta x Jornada

A redução no custo da cesta na maior parte das capitais permitiu que, em junho, o tempo de trabalho necessário para sua aquisição ficasse, na média das 16 capitais, em 116 horas e 49 minutos, cerca de três horas a menos que em maio, quando correspondia a 119 horas e 54 minutos. A jornada necessária também é bem inferior a exigida em junho de 2004, quando somava 130 horas e 34 minutos.

A mesma comparação pode ser feita relacionando o custo da cesta com o salário mínimo líquido, ou seja, após os descontos referentes à Previdência. Em junho, a parcela comprometida com a compra da cesta era de 57,50%, enquanto em maio correspondia a 59,01%. Há um ano este comprometimento chegava a 64,27%.

TABELA
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Custo e variação da cesta básica em dezesseis capitais
Brasil – Junho de 2005

CAPITAL	VARIAÇÃO MENSAL (%)	VALOR DA CESTA	PORCENTAGEM DO SALÁRIO MÍNIMO LÍQUIDO	TEMPO DE TRABALHO	VARIAÇÃO NO ANO (%)	VARIAÇÃO ANUAL (%)
ARACAJU	3,06	147,40	53,20	108h 06min	12,25	6,48
JOÃO PESSOA	3,00	144,04	51,99	105h 38min	14,20	8,22
FORTALEZA	1,96	145,20	52,41	106h 29min	16,41	4,81
RECIFE	1,01	148,44	53,58	108h 51min	20,69	12,20
NATAL	-0,70	139,74	50,44	102h 29min	6,02	-0,11
GOIÂNIA	-0,95	157,43	56,82	115h 27min	5,74	6,05
FLORIANÓPOLIS	-1,78	165,85	59,86	121h 37min	5,36	1,36
SALVADOR	-2,46	136,95	49,43	100h 26min	8,83	0,63
SÃO PAULO	-2,91	183,14	66,10	134h 18min	6,35	4,71
PORTO ALEGRE	-3,74	182,05	65,71	133h 30min	4,18	-0,56
RIO DE JANEIRO	-4,20	172,26	62,18	126h 19min	4,16	0,78
VITÓRIA	-4,61	162,89	58,79	119h 27min	6,90	2,97
CURITIBA	-4,94	168,40	60,78	123h 30min	8,01	-0,32
BELÉM	-5,08	153,86	55,54	112h 50min	2,78	1,95
BELO HORIZONTE	-6,81	168,07	60,66	123h 15min	10,38	1,95
BRASÍLIA	-7,37	173,01	62,45	126h 52min	2,54	4,57

Fonte: DIEESE

Comportamento dos preços

Se, em maio, apenas dois produtos haviam registrado predominância de queda nas capitais pesquisadas, em junho houve redução bastante generalizada dos preços, que resultaram em doze cidades com redução no custo dos gêneros de primeira necessidade.

O arroz manteve a tendência de queda já verificada nos últimos meses, e seu preço caiu em 15 capitais. As maiores retrações ocorreram em Belo Horizonte (-8,78%), Fortaleza (-8,43%),

Vitória (-7,95%) e Belém (-7,88%). Em Curitiba os preços permaneceram estáveis. Em doze meses, o produto ficou mais barato em todas as 16 localidades pesquisadas, com variações entre -40,62%, em Belém, e -16,67%, em Belo Horizonte. Dois fatores são determinantes para este comportamento. Em 2004 o Brasil passou a ser auto-suficiente na produção de arroz, mas manteve a importação do produto, em especial de Argentina e Uruguai, que comercializam seu produto no mercado brasileiro por preço inferior ao dos produtores nacionais. Além disso, desde meados do ano passado o arroz está isento do pagamento de impostos como PIS/Pasep e Cofins, o que reduziu seu preço.

Também o óleo de soja repetiu comportamento verificado em maio, com predominância de redução em seu preço. A queda foi apurada em 14 capitais, com destaque para Vitória (-8,72%), Porto Alegre (-7,22%), Brasília e Belo Horizonte (ambas com -6,28%). Pequenas elevações foram registradas em Curitiba (0,43%) e Florianópolis (0,41%). O óleo de soja também apresentou expressiva retração na comparação anual, com a diminuição de seu preço variando entre -32,85% (Fortaleza) e -14,53% (Recife). A tendência de queda se mantém, mesmo com a redução da safra em 4,6% devido à seca na região Sul e ao excesso de chuva em áreas produtoras de Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, em grande parte como consequência da valorização do real frente ao dólar.

Depois de haver subido em todas as capitais, em maio, o tomate voltou a ter comportamento oscilante e seu preço caiu em 12 localidades, em junho, favorecido pelo fator climático. Somente nas quatro capitais em que houve alta no preço do conjunto da cesta ocorreu aumento no tomate: João Pessoa (15,76%), Recife (9,95%), Fortaleza (7,29%) e Aracaju (4,44%). Os recuos mais significativos foram observados em Belo Horizonte (-33,47%), Brasília (-30,13%) e Curitiba (-20,00%). Em doze meses, o comportamento de seu preço não foi homogêneo, com quedas expressivas em oito capitais – com destaque para Vitória (-36,07%), Belo Horizonte (-33,20%) e Rio de Janeiro (-29,96%) – estabilidade em Belém – e elevações em sete, algumas muito significativas, caso de João Pessoa (67,54%) e Recife (66,67%).

O açúcar também apresentou redução em 12 localidades, em particular em Porto Alegre (-6,56%) e São Paulo (-6,15%). Belém e Curitiba registraram estabilidade e houve alta em Aracaju (12,24%) e Recife (1,67%). Em comparação com junho do ano passado, porém, o produto subiu em todas as 16 capitais, com elevações que variaram entre 7,61% (em Fortaleza) e 44,71% (no Rio de Janeiro). O recuo de junho é justificado pela entrada no mercado, da nova safra. Entretanto, seu preço ainda se mantém em patamar bem superior ao de um ano atrás.

Dois outros itens tiveram seus preços diminuídos em onze cidades: banana e manteiga. As retrações mais intensas no preço da manteiga ocorreram em Vitória (-8,15%) e Florianópolis (-7,87%), enquanto as maiores altas foram apuradas em João Pessoa (4,85%) e Belém (3,21%). Em 12 meses, 12 capitais registraram elevação no produto, as principais observadas em Vitória (22,88%) e Recife (19,14%). Dentre as quatro capitais onde houve recuo, o destaque foi Florianópolis (-7,70%).

Com relação à banana, as principais reduções, em junho, ocorreram em Porto Alegre (-11,32%), Brasília (-9,91%) e Belo Horizonte (-9,11%). Por outro lado, Vitória (14,67%) e Fortaleza (12,90%) destacaram-se pela intensidade do aumento. Em um ano, nove capitais apresentam elevação, as mais expressivas verificadas em Vitória (22,61%) e Recife (19,10%),

enquanto as retrações mais significativas foram apuradas em Porto Alegre (-24,16%) e Salvador (-14,20%).

Pesquisada apenas nas nove cidades do Centro-Sul, a batata ficou mais barata, em junho, em todas, especialmente em Belo Horizonte (-42,02%), Vitória (-37,12%) e Brasília (-34,90%). Já no período anual, o comportamento foi o oposto, com alta em todas as capitais, com destaque para Goiânia (59,26%), Florianópolis (48,98%) e Curitiba (45,54%).

Somente dois itens – feijão e carne – apresentaram alta mais relevante, o primeiro em dez cidades, o segundo em oito.

O comportamento altista do feijão foi mais evidenciado nas localidades onde o DIEESE acompanha a variedade cores do produto. Os destaques foram João Pessoa (8,85%), Aracaju (8,18%) e Salvador (5,65%). Por outro lado, dentre as seis capitais onde houve queda, em apenas uma, Belém (-10,06%) é pesquisado o feijão de cores. Nas demais, o produto acompanhado é o feijão preto, que teve a principal retração em Porto Alegre (-3,08%). Em doze meses o item chega a registrar altas muito significativas como ocorreu em Salvador (60,09%), Aracaju (46,91%) e Belém (39,33%) – todas capitais onde é pesquisado o feijão de cores. A única queda foi apurada em Fortaleza (-2,47%).

As maiores altas mensais da carne foram apuradas em Brasília (4,76%), Aracaju (3,08%) e Belo Horizonte (2,84%). Em Recife seu preço manteve-se estável e as reduções mais significativas deram-se em Belém (-3,53%) e Natal (-1,81%). Nos último doze meses, foram apuradas elevações em onze capitais, com destaque para Brasília (10,41%), Aracaju (9,07%), Vitória (8,80%) e Salvador (8,46%). Com o início da entressafra e o aumento das exportações – inclusive para os Estados Unidos onde foram confirmados novos caso da doença da “vaca louca”, é possível a elevação do produto nos próximos meses.

São Paulo

A cesta básica, na capital paulista, registrou, em junho, recuo de 2,91%, o que reduziu seu custo para R\$ 183,14, que, apesar da queda, foi o maior dentre as dezesseis capitais. Nos seis primeiros meses deste ano, a cesta teve aumento de 6,35%, enquanto entre julho do ano passado e junho último a alta ficou em 4,71%.

Dos 13 produtos que compõem a cesta, apenas quatro subiram em junho: feijão cariquinho (3,17%), farinha de trigo (2,48%), pão francês (0,79%) e leite *in natura* tipo C (0,64%). O café em pó manteve seu preço estabilizado e os demais itens registraram queda: batata (-21,07%), tomate (-11,43%), açúcar refinado (-6,15%), óleo de soja (-4,76%), arroz agulhinha tipo 2 (-3,55%), banana nanica (-0,52%), manteiga (-0,41%) e carne bovina de primeira (-0,23%).

Nos últimos 12 meses, cinco produtos tiveram queda: arroz (-24,02%), óleo de soja (-22,78%), tomate (-18,11%), farinha (-2,75%), banana (-1,10%). Os aumentos foram apurados para batata (33,57%), açúcar (34,07%), feijão (26,01%), café (12,93%), manteiga (11,12%), leite (10,61%), pão (7,77%) e carne (5,30%).

O trabalhador paulistano que ganha salário mínimo precisou cumprir, para comprar os alimentos básicos, em junho, jornada de 134 horas e 18 minutos, contra 138 horas e 20 minutos, exigidas em maio. Em junho de 2004, o tempo de trabalho necessário correspondia a 148 horas.

Resultado semelhante é obtido quando se compara o custo da cesta básica com o salário mínimo líquido, depois da dedução da parcela da previdência. Em junho, 66,10% dos ganhos de um trabalhador remunerado pelo mínimo seriam destinados à sua alimentação, pouco menos que em maio, quando 68,09% eram comprometidos com a mesma compra. Em junho do ano passado, o percentual era bem superior, e chegava a 72,84%.